

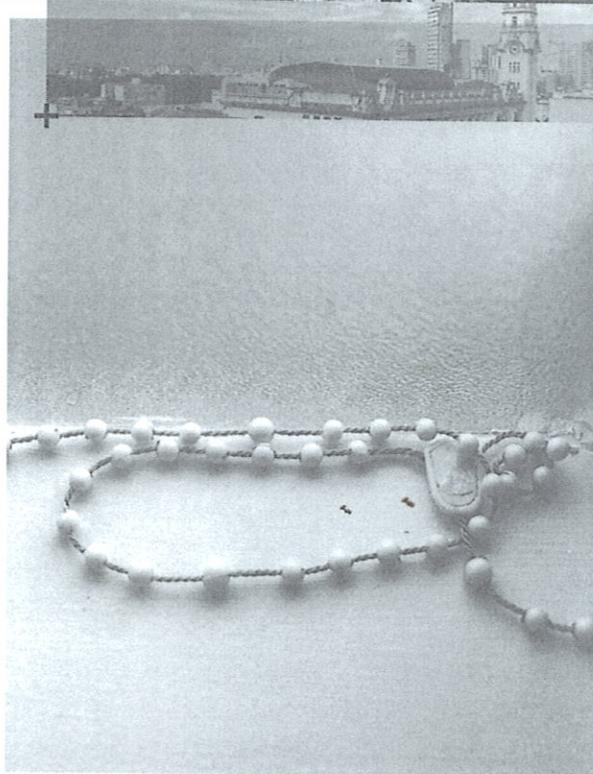
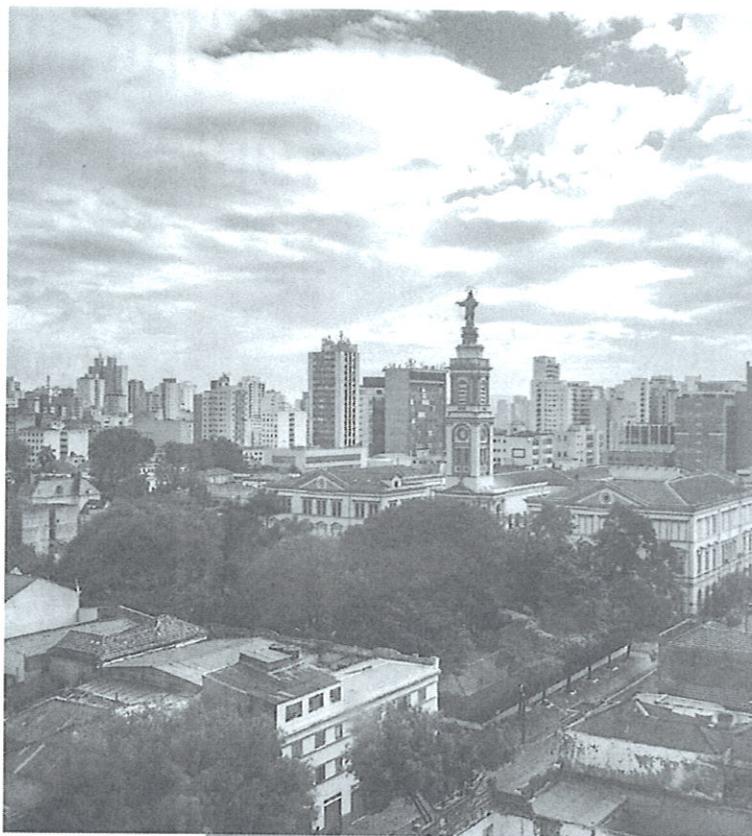
UM OLHAR HUMANO SOBRE O CAOS

Há mais de 20 anos, a Cracolândia é palco de ações descontinuadas por parte do Poder Público que se revelaram ineficazes tanto no combate ao tráfico de drogas quanto na abordagem aos usuários. Em meio a programas encerrados, há uma iniciativa eficiente, que serve como modelo nacional no tratamento de dependentes químicos: a do Hospital Helvétia, localizado no coração do “fluxo”.

texto FILIPE LOPES E ANDRÉ ROCHA | fotos CHRISTIAN PARENTE

Z

“Zona de guerra”. Essa é a expressão que pode definir a região paulistana conhecida como “Cracolândia”, situada entre os bairros de Campos Elíseos, Luz, Santa Efigênia, República e Santa Cecília. Em meio a conflitos diários com traficantes, no último ano, a polícia prendeu ali 1,65 mil pessoas, apreendeu 663,4 quilos de drogas, 50 armas de fogo e mais de R\$ 500 mil em dinheiro, segundo informações da Secretaria da Segurança Pública de São Paulo. Em 20 anos, sete administrações estaduais e municipais diferentes tentaram medidas contra o problema. Alguns governos se valeram da violência policial e seguiram a linha do tratamento compulsório. Outros, mais à esquerda, tentaram o viés da redução de danos, na qual o usuário diminui o consumo de forma gradual e recebe tratamentos psiquiátrico e químico, conservando a autonomia e a liberdade. Seja pela ineficácia das terapias, seja pelas mudanças nas políticas públicas – já que a premissa sempre foi descontinuar o trabalho feito pela gestão anterior –, jamais se obteve sucesso. Nem tudo está perdido, porém. Destoa desse cenário a experiência do Hospital Helvétia, que trata usuários e tem conseguido manter a taxa de abstinência em 54%, percentual bem acima



A localização do hospital, no centro do "fluxo", permitiu a criação de vínculo entre os profissionais de saúde e os usuários



da média dos 30% estimados nos demais serviços públicos, segundo a Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina (SPDM).

O hospital, mantido pelo Programa Recomeço do Governo do Estado e administrado pela SPDM desde 2013, acumula casos de sucesso em que usuários deixaram o vício e foram ressocializados. O segredo? A unidade combina as duas filosofias de tratamento – abstinência e redução de danos. “A dependência química não funciona como as doenças de caráter crônico, nas quais o paciente é tratado e curado. O usuário de crack precisa de assistência contínua. E os indivíduos reagem de formas distintas. Aqui, oferecemos o tratamento de acordo com a necessidade de cada pessoa”, afirma o diretor do hospital, o psiquiatra Claudio Jerônimo.

A Craçolândia concentra pessoas vindas de diferentes regiões brasileiras. Segundo a Prefeitura de São Paulo, circulam diariamente pela área cerca de 700 pessoas, de diversas classes sociais e faixas etárias. Homens adultos, idosos, mulheres grávidas e crianças disputam pedras de crack. A Polícia Militar (PM) promove as chamadas “limpezas” três vezes ao dia, quando passam dispersando as pessoas aglomeradas pelas ruas. Após 15 minutos da passagem da PM, no entanto, o cenário que parecia controlado volta ao “fluxo”, como é chamada a movimentação na qual ocorrem as transações de drogas. Os viciados se reúnem em torno das barracas, evidenciando de maneira crua a desumanização imposta pelo vício e o gravíssimo problema de saúde pública.

EPICENTRO DO CAOS

O Hospital Helvétia tem atualmente 11 andares destinados ao Centro de Convivência, que abrange o programa Recomeço Família, a Enfermaria de Desintoxicação e a Moradia Assistida. Foram atendidas 11 mil pessoas em cinco anos. Nos primeiros tempos do programa, em 2013, a estrutura era pífia. A equipe atuava em uma tenda improvisada, instalada entre a Rua Helvétia e a Alameda Cleveland, no terreno dentro do qual posteriormente seria construído o hospital. Médicos, enfermeiros e agentes sociais prestavam atendimento emergencial aos usuários e os encaminhavam a outros aparelhos públicos para tratamento químico. Na mesma medida em que a precariedade das instalações e os perigos do contato direto com usuários e traficantes atrapalhavam o trabalho, a localização privilegiada, no coração da Craçolândia, permitiu a criação de um vínculo entre

“O USUÁRIO DE CRACK PRECISA DE ASSISTÊNCIA CONTÍNUA. E OS INDIVÍDUOS REAGEM DE FORMAS DISTINTAS. AQUI, OFERECEMOS O TRATAMENTO DE ACORDO COM A NECESSIDADE DE CADA PESSOA.”

CLAUDIO JERÔNIMO, diretor do Hospital Helvétia

os profissionais de saúde e os usuários. “A relação de confiança é o primeiro passo para iniciar um tratamento. O usuário precisa saber que amanhã você ainda estará disposto a ajudá-lo, sem julgar, para que ele volte a existir para a sociedade”, afirma a gerente administrativa da SPDM, Sueli Freire, que atua no projeto desde a sua fundação.

Embora conte hoje com maior aparato, o dia a dia do hospital não chega a ser tranquilo. A forte presença policial não impede que ocorram confrontos durante algumas “limpezas”, momentos nos quais funcionários, usuários e até mesmo pessoas que caminham pela região ficam ilhadas nas dependências do hospital, cujas portas são fechadas quando começam os embates. Os agentes de saúde permanecem em alerta para garantir a própria segurança e a integridade dos pacientes. Segundo a equipe, o nível de estresse é altíssimo no local, exigindo “nervos de aço” dos 202 funcionários que trabalham no Helvétia. A Secretaria de Saúde monitora periodicamente a saúde psicológica dos agentes com presença constante de psicólogos e treinamentos.

O governo estadual destinou cerca de R\$ 80 milhões do orçamento para o tratamento de usuários de drogas entre 2014 e 2018. Não há cálculo de valores gastos com programas de combate à dependência química antes disso, pois a discriminação dos valores começou a ser feita apenas após a Lei Orçamentária de 2013.

O trabalho realizado pelo Helvétia é pautado pela busca de soluções para três problemas ocasionados pelo vício: social, jurídico e de saúde. Os agentes atuam em acolhimento, orientação e tratamento. As pessoas são, depois, encaminhadas para a ressocialização, fase na qual recebem assistência para resolver os eventuais problemas legais. “Só quem está na linha de frente consegue entender que não existe uma linha única para a eficácia do tratamento. Cada caso deve ser tratado de forma própria”, aponta Sueli.

ACOLHIMENTO

O hospital faz parte de um grupo de 50 comunidades terapêuticas conveniadas ao governo estadual que atendem os usuários encaminhados pelo Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas (Cratod). O usuário disposto a passar por tratamento procura o Cratod para entrar em uma triagem na qual é identificado o nível do vício, os melhores tratamentos e as unidades com vagas para acolhê-lo. Ele pode ainda ser direcionado a uma avaliação médica ou, em casos menos graves, para um Centro de Atenção Psicossocial (Caps) do município ou da própria instituição.

Os usuários destinados ao Helvétia iniciam o contato com os agentes no primeiro andar do edifício, no Centro de Convivência, local onde podem cuidar da higiene básica: tomar banho, cortar os cabelos etc. No segundo andar há uma acade-

LINHA DO TEMPO

1990

Primeira apreensão de crack feita pela Polícia Militar (PM), na região leste de São Paulo.

1995

Criação da Delegacia de Repressão ao Crack, a fim de combater a crescente presença da droga na região central da cidade.

1999

O governador Mario Covas nomeia Marco Vinício Petrelluzzi como secretário de Segurança Pública com a promessa de decretar o fim da droga. Após investidas violentas da PM, Petrelluzzi afirma que o "crack havia sumido do Centro".

2000

Sob a gestão Marta Suplicy, a prefeitura recebe US\$ 100 milhões do BID destinados à "recuperação do Centro" e ao tratamento dos dependentes.

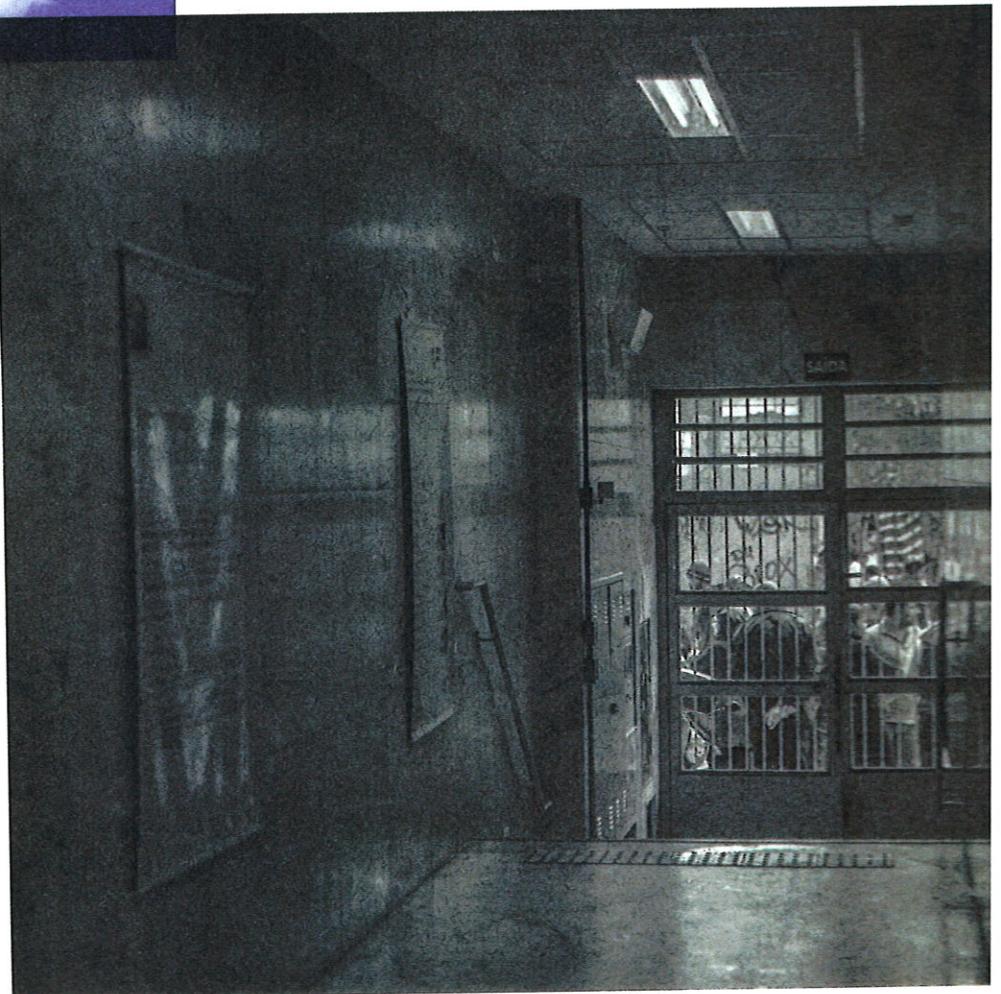
2005

Sob a gestão de José Serra, o Projeto Nova Luz concede incentivos fiscais a empresas para que realizem obras de infraestrutura. Ocorrem ações violentas da PM. O subprefeito da Sé, Andrea Matarazzo, declara que "a Cracolândia não é mais o endereço do crime".

2009

O governador Geraldo Alckmin e o prefeito Gilberto Kassab unem os governos em uma ação ostensiva, com 70 policiais e agentes de saúde – para promover internações. O levantamento divulgado em 2011, mostra que, de 388 abordagens apenas uma resulta em internação.

O entorno da Cracolândia: a forte presença policial não impede que ocorram confrontos durante as "limpezas"



2012

Nova operação conjunta dos governos Alckmin e Kassab muda a abordagem policial, que até então orientava para a internação voluntária. Após forte repressão, o governo Alckmin passa a realizar internações compulsórias de usuários.

2014

Sob a gestão do prefeito Fernando Haddad, o programa De Braços Abertos oferece hospedagem e trabalho aos usuários, internados voluntariamente.

2017

O prefeito João Doria decreta o fim do programa De Braços Abertos e inicia o Redenção, com forte repressão policial, na qual 900 policiais derrubam 34 barracas de venda de drogas e prendem 51 pessoas. Após a ação, Doria afirma que a "Cracolândia havia acabado".



A enfermaria de desintoxicação conta com o consentimento do usuário para que receba a terapia química e inicie o processo de abstinência

mia completa, aberta a todos. "O acolhimento consiste em ouvi-los e incentivá-los a pensar no processo terapêutico", explica Claudio Jerônimo. Os pacientes são convidados também a se engajar em atividades como oficina de culinária, aulas de música e até karaokê, organizado na rua em frente ao edifício, toda quinta-feira, por um psiquiatra voluntário. "Enquanto estão ocupadas, as pessoas permanecem longe da droga, e é o momento no qual fazem a reflexão de que é preciso lutar contra o vício", diz o diretor do hospital.

Até então, o usuário que chega ao Centro de Convivência não tem qualquer vínculo com o hospital e pode sair quando quiser, inclusive para usar droga. Segundo a administração do Helvétia, passam pela convivência em torno de 3,5 mil pessoas por mês, que realizam pelo menos duas atividades no local.

O estágio seguinte é a enfermaria de desintoxicação, que conta com o consentimento do usuário para que receba a terapia química e inicie o processo de abstinência. Nessa fase, ele não pode sair do edifício até terminar o tratamento. À medida que recebe a medicação, o usuário também é convidado a buscar contato com seus familiares para restabelecer os vínculos destruídos pelo vício. "Muitas famílias estão cansadas de tentar ajudar o usuário, que não raro os rou-

ba e age com violência. Mas, no programa Recomeço Família, tentamos o contato e, se tudo der certo, ao fim do tratamento o paciente volta para casa”, conta Sueli.

VOLTANDO A EXISTIR

O perfil do usuário da Cracolândia é amplo, e os motivos que levam as pessoas ao vício também são muitos. Embora as enfermarias do hospital sejam divididas em alas feminina e masculina, um dos melhores exemplos de que a chave para a eficácia do Helvétia está na abordagem particular para cada caso é o fato de que a instituição permite que homossexuais e pessoas trans (17% da população da Cracolândia) optem por ficar na enfermaria na qual se sintam mais à vontade. “Aqui, eles voltam a ser cidadãos, que merecem respeito e atenção, como qualquer um”, afirma a coordenadora médica do Hospital Helvétia, Renata Rigacci Abdalla. Cerca de 20% das pessoas trans acolhidas pelo Helvétia apresentam sífilis, além de tuberculose e HIV.

Nos andares destinados à enfermaria, é possível ouvir os barulhos da rua, mas o “caos do fluxo” vai se distanciando gradativamente do segundo andar em diante. Nas paredes, estão expostos desenhos, cartas e poemas feitos pelos pacientes.

Depois da desintoxicação, o paciente começa a estabilizar a questão psíquica e a programar o próximo passo. O sucesso nesse estágio é medido pela capacidade do paciente em se manter “limpo”, sendo comuns as recaídas e o reinício do tratamento diversas vezes, até que a pessoa consiga seguir para a abstinência e para a ressocialização.

Muitos dependentes passam anos nas ruas usando crack, totalmente desconectados da dinâmica comum das pessoas. Não é fácil a volta à vida, na qual a rotina inclui fazer higiene pessoal, trabalhar, administrar dinheiro, ter um lugar para morar etc. Para auxiliar nesse processo, o Helvétia conta com conselheiros que auxiliam os pacientes a se inserirem novamente na sociedade. Muitos são ex-usuários que, além de entenderem as difi-

culdades dos pacientes, sabem da importância em se criar um vínculo de confiança no processo de reinserção. “Tivemos um caso em que o paciente abriu uma conta no banco e recebeu um cartão de crédito com limite de R\$ 2 mil. Ele gastou tudo em um dia, comprando o que via pela frente, achando que aquele dinheiro era dele. Aí explicamos que o crédito não funciona assim e que ele precisaria saber administrar seu dinheiro para não gastar além da sua capacidade”, relata Renata.

O hospital também encaminha os ex-viciados para vagas de emprego. As oficinas ministradas dentro da instituição ajudam os pacientes a aprender novas habilidades, que colaboram na recolocação profissional. Os reabilitados que conseguem alta do tratamento, e cujas famílias concordaram em recebê-los, voltam para casa, mas continuam recebendo acompanhamento por ligações telefônicas periódicas. Aqueles que não têm família ou preferem não voltar para a casa, podem se inscrever no programa Moradia Assistida, que oferece 36 quartos temporários para os reabilitados. “Os pacientes ficam na moradia de seis meses a um ano e depois retornam à sociedade. Não é cobrado aluguel, e o indivíduo fica livre para sair à rua quando quiser, mas a contrapartida é permanecer abstinente”, afirma Claudio

Jerônimo. Para garantir a sobriedade, são feitos exames de urina sem prévio aviso. Caso estejam drogados, reiniciam o tratamento na enfermaria.

“O sucesso do Helvétia pode ser explicado pela gestão bem planejada. Temos de seguir metas de qualidade. E manter em alta os indicadores de sucesso, como taxa de abstinência, higiene, funcionários com carteira assinada e acompanhamento psicológico, entre outros”, diz Jerônimo. “O problema da Cracolândia é o tráfico. Mas se conseguirmos ter um olhar humano sobre essas pessoas, vamos tratá-las de maneira eficaz e estabelecer possibilidades reais de ressocializá-las para que voltem a ser vistas como seres humanos capazes de contribuir para o crescimento da sociedade, e não mais como um peso para o Estado e motivo de repulsa das pessoas”, conclui o diretor do hospital.

&

